



## 6. A arte rupestre

### 6.1 Introdução

---

São quatro os conjuntos de rochas gravadas, com diferentes tipos de sinais. O xisto serviu de matéria-prima invariável para a sua gravação. Apresentam diversas técnicas de gravação: as da Fechadura (018) e Pedra das Letras (052) são efectuadas pela técnica da incisão e os motivos de uma e outra não são comparáveis em termos estilísticos nem na sua implantação no terreno. As da Lajeira (021) e Fonte das Rimas (020) apresentam grande semelhança de motivos e gravação (percussão), bem como grande proximidade física.

O denominador comum a todas elas parece ser, por um lado, a sua instalação junto de nascentes ou de linhas de água e, por outro, a proximidade a vias que lhes passam próximas (Fig. 3 e 5).

Na área envolvente da zona em estudo existem outras lajes gravadas e amplamente difundidas na bibliografia da especialidade. A sua análise não cabe aqui, mas o seu estudo integrado num conjunto mais vasto é importante.

### 6.2 Gravuras incisas

---

As gravuras que foram rastreadas na área em estudo podem inserir-se nas denominadas gravuras litotrípticas, segundo a definição de Santos Júnior (1963, p. 117), ou filiformes, segundo designação mais actual.

Geograficamente, no nosso país, elas distribuem-se pelas manchas xistosas de Trás-os-Montes e da Beira Interior. Em Espanha, localizam-se a ocidente da Meseta, na província de Cáceres. De certo modo, existe uma certa proximidade geográfica de todas estas estações rupestres, apenas com algumas lacunas espaciais. Mas isso deve-se provavelmente ao facto de serem zonas pouco prospectadas e de estas gravuras, por vezes, serem de detecção difícil. Estamos certos que, futuramente, dentro da área referida, surgirão novas estações com gravuras filiformes.

Em 1991, Ana Leite da Cunha referia que a Pedra Letreira de Góis era a estação “filiforme” conhecida mais a sul, no nosso país (Cunha, 1991, p. 5). Actualmente, com a descoberta da Fechadura e da Pedra das Letras de Proença-a-Nova, o limite sul da área geográfica dos complexos filiformes aumentou em várias dezenas de quilómetros.

Como observou Vitor Oliveira Jorge, a arte rupestre é “normalmente o resultado de uma actividade simbólica, fortemente padronizada, e sujeita a regras que escapam ao domínio do consciente; a sua abordagem científica exige, assim, um tratamento sistemático que nos permita estabelecer a sintaxe da linguagem que essas manifestações constituem, como base para a tentativa de compreensão da respectiva semântica” (Jorge, 1983, p. 53). Por isso mesmo, o nosso estudo reveste principalmente um carácter descritivo das gravuras e da sua tipologia, ficando a tentativa de interpretação para mais tarde, devido às dificuldades que a decifração dos símbolos levanta.

Como já referimos atrás, a Fechadura apresenta uma grande variedade de motivos. Trata-se de uma laje de xisto rasante ao solo, virada a noroeste, ligeiramente inclinada, situada a meia-encosta da Serra do Figueiredo, com uma grande variedade de motivos: escalariformes,

pontas de seta, traços paralelos e convergentes, reticulados, pentalfas (de dois tipos), um possível escutiforme, quadrados, uma possível vulva, e com inscrições alfabéticas pré-latinas e várias inscrições latinas (Batata, 1997e, p. 167).

Na parte inferior da laje encontra-se um complexo de inscrições que serão analisadas no capítulo da Epigrafia. De momento importa referir que apresenta um escutiforme, cujo traço estilístico faz lembrar o traço de algumas figurações humanas de estelas do Sudoeste. A rodeá-lo encontram-se várias inscrições, uma romana e outra, com uma suástica (Fig. 29). A romana sobrepõe-se a um quadrado raiado. A da suástica, executada em traços muito finos, parece sobrepor-se ao escutiforme. A mais rara e importante é uma inscrição com caracteres de “tipo ibérico” e latinos, tendo a particularidade de uma das “letras” ser uma suástica de braços rectos. Casos semelhantes, onde se podem ver suásticas com a função de letra, surgem na escrita minóica e na escrita cirílica (eslava) dos séculos IX e X. Note-se, todavia, que não consideramos estes exemplos como paralelos à inscrição da Fechadura, uma vez que pertencem a culturas completamente diferentes. O que se nota, mais uma vez, é a força do símbolo conhecido por suástica, que tem uma difusão espacial e sobrevivência cronológica verdadeiramente extraordinárias (Coimbra, 1995).

Inscrições deste tipo, em rocha, aparecem apenas no Vale da Casa (Batista, 1983/84, est. IV), possivelmente em Molelinhos, segundo se depreende do levantamento feito por Ana Leite da Cunha (1991) e nalguns caracteres alfabéticos de Ridevides (Santos Júnior, 1963, p. 116).

Para além desta importante inscrição pré-latina, existe uma outra de cronologia aparentemente posterior, onde se pode ler a palavra MIITAMVS. O tipo de letra e o I duplo tem paralelo na inscrição do petróglifo de El Tesito de las Cuchillas, Cáceres, dado como sendo latino (século I a.C.) (Sevillano, 1976, p. 228-229).

Relativamente aos restantes motivos, surgem mais habitualmente dentro da gramática inscultórica deste tipo de gravuras filiformes: um possível escutiforme, com paralelos na Pedra Letreira de Góis e no Vale da Casa; pontas de seta, como em Molelinhos, Ridevides, Pedra Letreira de Góis, Pedrosanto (Cáceres), etc.; escalariformes e reticulados como em Ridevides e Pedra Letreira de Góis; traços paralelos e convergentes como na Pedra das Letras de Proença-a-Nova, Ridevides, Pedrosanto e no abrigo das Fragas do Diabo (Mogadouro) (Sanches, 1996, p. 9-11); cruciformes como em Ridevides e Molelinhos.

Existe ainda uma infinidade de traços filiformes muito finos, cujo levantamento exaustivo ainda não foi possível efectuar, devido ao pouco tempo disponível para a realização deste trabalho. Correspondem, no dizer de António M. Batista, à “primeira fase filiforme” (1986, p. 52).

Na Fechadura existem ainda dois tipos de pentalfas diferentes: uns grandes, com sulcos largos e profundos; outros, muito pequenos, quase imperceptíveis, e com traço finíssimo (talvez da primeira fase filiforme). Esta constatação levaria à alteração da ideia de que os pentalfas seriam criação recente, como defendi há alguns anos atrás (Batata, 1997e, p. 167). Este símbolo aparece também no petróglifo de Aceitunilla (Cáceres), associado a círculos e a um escalariforme (Sevillano, 1983, p. 260) e no Vale da Casa, “como duas estrelas de cinco pontas, ainda pouco patinadas” (Batista, 1983, p. 68). Alguns autores consideram-nos medievais ou até posteriores. Contudo, é bom não esquecer que o pentalfa já aparece em cerâmica pré-romana de Sta. Olaia (Montemor-o-Velho) (Rocha, 1905 a 1908, p. 343 e est. XXVII) e em cerâmica etrusca (Bierdeman, 1989, p. 363).

Na Fechadura existe um símbolo de difícil interpretação — um triângulo equilátero — com um traço a meio, que tanto poderá ser uma ponta de seta, como uma vulva ou até uma cabana. No petróglifo de Pedrosanto existe um motivo semelhante que Benito del Rey e Grande del Brio interpretam como cabana (Benito del Rey et al., 1995, p. 45). Para os mesmos autores, algumas figuras que têm sido interpretadas como pontas de seta serão representações de vulvas (1995, p. 42). No caso da gravura da Fechadura, nota-se que se trata de um triângulo com os

lados todos iguais e picotado na zona central. As representações de pontas de setas são geralmente triângulos isósceles, ou seja, com apenas dois lados iguais e base menor.

Menos comuns nas gravuras filiformes, aparecem ainda retângulos e quadrados (como em La Penã del Molde, Mesegal-Cáceres), divididos por linhas nas diagonais e medianas.

Pertencendo a um outro grupo e a uma outra técnica de gravação temos a Pedra das Letras (Câmara Municipal de Proença-a-Nova, 1998, p. 7), situada junto de um campo agrícola, em posição horizontal, nos inícios da ribeira de Mesão Frio. Tal como foi observado para as anteriores, situava-se perto da passagem de uma via que ligaria Cardigos a Sobreira Formosa (Fig. 5, V2).

A laje parece ter sido muito maior, pois a existência de terras de cultivo mesmo até à sua base pode ter feito desaparecer uma parte dela. Aí foram gravadas quatro fiadas de riscos oblíquos efectuados pela técnica da incisão. Os paralelos para este sítio arqueológico são vários na Península Ibérica.

As estações de arte rupestre filiforme em Portugal têm sido datadas entre o Bronze Médio e a II Idade do Ferro. Nalguns casos poderá haver desenvolvimentos mais tardios como referem Vitor e Susana Oliveira Jorge (Jorge et al., 1995, p. 342). No nosso caso, parecem enquadrar-se dentro desta cronologia, embora não esquecendo que a datação em arte rupestre é sempre relativa.

No que toca aos executantes das gravuras, apesar de já se ter efectuado prospecção arqueológica nos arredores, ainda não foi detectado qualquer povoado que nos possa dar informações sobre eles. Existem, no entanto, alguns sinais da sua existência como seja a inscrição da Castanheira (2 km a sul), com antropónimos indígenas. No topo da serra passa uma via antiga, já referida em documentos medievais do século XII e a sua antiguidade poderá remontar à Idade do Ferro, se atendermos que as bancadas de xisto gravadas estão perto desta via.

### 6.3 Gravuras percutidas

---

Apesar das gravuras executadas pela técnica da percussão terem uma grande longevidade, abarcando diversos períodos cronológicos, as que aqui se apresentam têm semelhança estilística com a denominada Idade do Bronze Atlântica, ligando-se principalmente à intensa exploração e comércio de metais como o estanho, o cobre, a prata e o ouro, encontrando-se numa vasta zona desde a Escandinávia às Canárias, Galiza, Bretanha, Inglaterra, Irlanda e Portugal (Gomes, 1987, p. 39).

As insculturas da Lajeira e Fonte das Rimas apresentam grande semelhança entre si e foram executadas pela técnica da percussão. Na primeira, situada numa enorme laje ligeiramente inclinada e virada a oeste, pode observar-se um vasto conjunto de representações nos quais se incluem uma espiral-labirinto, serpentiformes, meios círculos, pontos alinhados, um provável antropomorfo complexo e linhas meandriformes ligando os diversos motivos e têm paralelos na arte inscultórica do Vale do Tejo (Fratel), sendo geralmente consideradas do período cronológico do Bronze Final (Gomes, 1987, p. 39-43) (Fig. 34-9).

Cerca de 500 m a norte, encontra-se a Fonte das Rimas. Trata-se de uma nascente que alimenta a ribeira da Tamolha. Situa-se na sua margem esquerda. Em frente, do lado direito, encontram-se vários motivos espalhados pelas rochas, cuja tipologia é muito semelhante aos da Lajeira.

À semelhança das da Fechadura, das quais não distam mais que 2 km, apenas foi efectuado o levantamento de uma parte das gravuras, faltando desenhar cerca de 2/3 dos painéis.

Também para estas, apesar da prospecção efectuada, não foi encontrado nenhum povoado nas redondezas. Encontram-se muito perto da passagem de uma antiga via, já por diversas vezes referida.